

## PINGA-FOGO

## SSOil afirma em nota que encerrou sua relação com a Terrana

■ **Recebemos oficialmente do jornalista Paulo de Tarso Lyra, assessor de Comunicação da SSOil, o pedido de publicação da seguinte nota de repúdio, sobre notícia publicada na coluna de 02 de setembro. Depois de analisada pela redação e apurada a legitimidade da sua autoria, estamos publicando em igual espaço. Como é praxe, as notas de contraditório, quando analisadas e confirmadas a autoria, são publicadas na íntegra, respeitado o direito ao contraditório. Em alguns casos são acompanhadas de uma nota de redação. Confira a seguir a íntegra da correspondência enviada pela SSOIL:**

## ■ “NOTA DE REPÚDIO

A SSOil Energy vem à público de maneira veemente se manifestar sobre a falsa e caluniosa nota intitulada “Passou despercebido”, publicada no veículo Correio da Manhã, no dia 02 de setembro e assinada pelo jornalista Cláudio Magnavita.

A nota é inverídica e tenta atrair a SSOil Energy para uma crise da qual ela, absolutamente, não faz parte.

Em primeiro lugar, a SSOil Energy afirma que não tem qualquer tipo de relação empresarial, comercial ou de qualquer outro cunho com Mohamad Hussein Mourad.

Em segundo lugar, a SSOil Energy reforça que manteve relações comerciais com a Tobras Distribuidora de Combustíveis, razão social da conhecida Terrana, nos anos de 2023 e 2024, antes das alterações no quadro de administração da empresa, ocorridas em janeiro de 2025, conforme registros na Junta Comercial do Estado de Rio de Janeiro, documentos esses passíveis de consulta pública a quem possa interessar.

Ao tomar conhecimento da mudança na gestão da referida empresa, também em janeiro deste ano, a SSOil optou por cessar o fornecimento de produtos para a referida distribuidora, e desde então as duas empresas não tiveram qualquer relação comercial.

Na sequência, a SSOil Energy formalizou a rescisão das relações através da assinatura de distrato contratual, o qual foi comunicado à Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) e retirado da listagem de acordos homologados pela agência, conforme pode ser conferido no link: <https://www.gov.br/anp/pt-br/assuntos/distribuicao-e-revenda/distribuidor/distr/rc-de-cf-qe/cessao-espaco-carregamento.xlsx>.

A SSOil aplaude e apoia as Operações de

envolvidas na semana passada pela Polícia Federal, pela Receita Federal e pelo Ministério Público de São Paulo contra a atuação do crime organizado no setor de combustíveis.

A empresa também reforça o seu compromisso com os padrões éticos, morais e de compliance de atuação em um setor tão estratégico para a economia brasileira.

Complementa que não transige um milímetro em seu propósito de atuar dentro dos limites vigentes do ordenamento jurídico vigente no país.

Com esse espírito, desafiaremos sempre, em todas as instâncias – cíveis, administrativos e criminais – quem disser o contrário sobre nós.

**Ricardo Moura**  
Diretor-presidente da SSOil  
Energy S/A”

## ■ NOTA DE REDAÇÃO:

Sobre a nota da SSOil, publicada na íntegra, o Correio da Manhã apurou e foi revelado um quadro mais amplo. Documentos e dados de mercado indicam que a SSOil não teria limitado suas vendas apenas à Terrana — empresa ligada ao Grupo Copape, alvo das operações Carbono Oculto, Tank e outras investigações que associam o grupo ao PCC no setor de combustíveis.

Segundo as informações levantadas, a SSOil também teria fornecido para a Rede Sol e para a Petroworld. A Rede Sol aparece nos autos como parte do esquema comandado por Mohamad, apontado nas operações como liderança das conexões do PCC no mercado de combustíveis. Além de vencer sucessivas licitações, a Rede Sol é acusada de abastecer a Polícia Militar com combustível adulterado.

A Petroworld, por sua vez, também surge nas investigações como uma das empresas sob o controle direto de Mohamad.

Em resumo: as ligações da SSOil com o Grupo Copape — já descrito por investigadores como braço operacional do PCC no setor de combustíveis — parecem ir muito além de simples negociações com a Terrana, como tenta induzir a nota publicada na íntegra pelo Correio da Manhã.

■ **O CHAMEGO DE MALAFAIA COM EDUARDO PAES DEIXA O PALÁCIO DO PLANALTO COM CIÚMES - O Palácio do Planalto teve burburinho com a revelação do jornalista Ricardo Bruno, na Agenda do Poder, sobre a presença do Prefeito Eduardo Paes no culto de Ação de Graças comemorativo do aniversário do pastor Silas Malafaia.**

■ Com o seu faro de jornalista investigativo, ele decupou 8 horas de vídeo do culto até garimpar o trecho no qual o prefeito e pré-candidato dispara:



MAGNAVITA

claudio.magnavita@gmail.com

@columnamagnavita

CM



## Foto duplamente acadêmica

O reitor da Universidade PUC-Rio, padre Anderson Antonio Pedrosa, é o presidente do Fórum de Universidades Católicas das Américas, ou seja, é o acadêmico dos acadêmicos. Na foto em ambiente da

Academia Brasileira de Letras. Ele terá muito o que comemorar nos próximos dias. Foto duplamente acadêmica.

Está no forno a portaria que autoriza a PUC Rio ter o seu curso de medicina. Um

milagre muito suado. Na foto, o Magnífico Reitor em companhia dos acadêmicos Edmar Bacha, jesuita Joaquim Falcão, Rosiska Darcy, Miriam Leitão e José Roberto Castro Neves.

“mexeu com Malafaia, mexeu comigo”. O curioso é que vários espaços dedicados à política reproduziram o trecho pinçado, sem dar o crédito a Bruno.

■ **Malafaia é considerado o arqui-inimigo do Presidente Lula e do ministro Alexandre de Moraes. Este movimento de apoio explícito, no palco destinado às autoridades, incendiou o núcleo político da presidência. Foi um sinal que o prefeito vai flunar no vento da direita sem Bolsonaro e embarcar no projeto do presidente do seu partido, PSD, que deseja fazer de Tarcísio de Freitas o próximo inquilino do Planalto.**

■ A coluna MAGNAVITA já havia revelado que ao ligar para Silas Malafaia, o estrategista mor da direita, Fábio Wajngarten, já havia sido surpreendido com a presença, outro dia, de Eduardo Paes com Malafaia. Os dois se falaram e Wajngarten, que cultivava amizade com Paes, ficou de agendar uma visita ao prefeito do Rio.

■ **O espaço político de Lula no Rio está encalhando cada vez mais para 2026. E já há quem aposte que o Rio poderá ser punido com esta demonstração de afagos ao arqui-inimigo da esquerda, que tinha tudo para ficar escondido até ser revelado por Ricardo Bruno.**

■ **ISENÇÃO DE IMPOSTO DE RENDA PARA QUEM GANHA R\$ 5 MIL VAI SAIR DO PAPEL EM GRANDE ESTILO - Alô, alô quem ganha até R\$ 5 mil reais. Vai ter que sair a isenção de Imposto de Renda. O Presidente Lula já aprovou os últimos detalhes e a campanha preparada pelo ministro Sidônio Palmeira. Vai ser a maior investida publicitária do governo Lula visando atingir a classe média. Está sendo tratada como o “tiro de misericórdia” no bolsonarismo. Vai ser a maior campanha já realizada, sinal que o assalariado vai ter um alívio no bolso. Desta vez Lula cuidou pessoalmente e nem passou pela Janja. Quem vai ser contra no Congresso, ainda mais com a assinatura de Arthur Lira?**

■ **A VENDA DO SBT NO FORNO - A compra do SBT está tomando corpo. O Banco que está assessorando o negócio já deu o sinal verde. Lá de cima, Silvio Santos está fazendo milagres junto a Jeová. Sem SS, o valor da rede vai se deteriorando a cada ano. O negócio tem o genro Fábio Faria da família Abravanel como grande entusiasta. Um quinhão das ações ficará com a família e haverá garantia da presença na grade da emissora. Em breve o ataque reinante do SBT será castellaño.**

## Fernando Molica

## Valdemar: Bolsonaro fumou, mas não tragou o golpe

Ao admitir que correligionários planejaram, mas não executaram um golpe de Estado, o presidente-dono do PL, Valdemar Costa Neto, usou a lógica Bill Clinton para relatar sua experiência com a maconha: o então candidato democrata a presidente dos Estados Unidos disse que tinha fumado, mas não tragado.

Ao cometer seu sincerídeo culposos, Costa Neto deu uma viadada: disse que, por não ter sido tentado, o golpe não se constituiu em crime. Mas, no caso específico, de acordo com a lei, fumar é tragar.

Aprovada pelo Congresso e assinada por outros três condenados na semana passada, a lei que trata do tema considera crimes as tentativas, com emprego de violência ou grave ameaça, de abolição do Estado de Direito e de Golpe de Estado. Em outras palavras: ajoelhou, rezou.

Isso, por um motivo simples, seria impossível punir os golpistas caso suas tentativas tivessem dado certo. Não haveria polícia capaz de investigar, Ministério Público com força para denunciar e Justiça independente para julgar e punir. Como frisarão quatro dos cinco ministros da Primeira Turma do Supremo Tribunal Federal, não faltaram episódios de violência e de grave ameaça planejados, organizados e executados pelos agora condenados.

Na conversa em que expôs

sua teoria, Costa Neto recorreu a um outro artigo do Código Penal para ilustrar seu exemplo: afirmou que planejar um assassinato e não executá-lo não representa crime. Como não fosse criminoso o sujeito que aponta a arma para alguém, e desiste de atirar na hora H. O Código Penal cita 35 vezes a palavra “ameaça” — em nenhum dos casos para fazer coro à suposta jurisprudência valdemariana.

Pela lógica do presidente do PL, a polícia sequer poderia agir ao apurar, mesmo que de maneira consistente, que uma determinada quadrilha planeja cometer um assalto ou um homicídio, teria que esperar que o crime fosse cometido.

O golpe bolsonarista, vale ressaltar, não foi planejado pelos seguranças do Palácio da Alvorada em conluio com motoristas do Ministério da Defesa. A arquitetura da destruição da democracia foi fruto de articulações lideradas pelo presidente da República, devidamente assessorado por comandantes militares e ministros de Estado.

Não se pode achar normal o fato de que algumas das mais importantes autoridades da República articularam contra a democracia, que tenham, com suas ações, dado início à execução do plano de abolição do Estado de Direito e de implantação de uma nova ditadura.

Eles fumaram e tragaram o golpe, ajoelharam-se diante do altar do arbítrio e oraram diante de imagens de Augusto Pinochet, Castello Branco, Costa e Silva, Emílio Garrastazu Médici, Sérgio Paranhos Fleury, Alberto Fujimori e Carlos Alberto Brilhante Ustra. Isto, abençoados pela mente igualmente embaçada de discípulos de Francisco Luís da Silva Campos, especialista em dourar juridicamente as pílulas de ditaduras.

Condenado e preso no Mensalão, Costa Neto jamais seria processado por falta de esperteza; como se dizia antigamente, nunca deu ponto sem nó. Ao admitir o planejamento do golpe, ele deu uma rasteira em Jair Bolsonaro e em seus aliados que juram que tudo não passava de tentativa de criação de uma versão brasileira do jogo War. Ele ainda disse que a decisão do STF precisaria ser respeitada.

Ontem, ele tentou reinterpretar o que dissera sobre trama golpista, que não foi planejamento de golpe que deveras admitira. Sabia, porém, que o recado fora lançado, que contribuiria para jogar mais uma tocha flamejante no parquinho bolsonarista — como os demais Neros do Centrão, ele gosta de um incêndio, mas na casa dos outros; não mata a própria mãe; nem, muito menos, comete suicídio.

## Tales Faria

## Lula se antecipou no NYT às sanções que já espera de Trump

O governo já previa, desde o início da semana passada, uma reação dos EUA à condenação pelo Supremo Tribunal Federal (STF) dos envolvidos no golpe de Estado chefiado pelo ex-presidente Jair Bolsonaro (PL).

O secretário de Estado dos EUA, Marco Rubio, disse nesta segunda-feira, 15, que anunciará nos próximos dias medidas em resposta à condenação, mas não deixou claro quais seriam essas medidas.

O julgamento no Brasil começou no dia 2, e terminou na quinta-feira, 11. Já na terça-feira, 9, quando o relator, ministro Alexandre de Moraes, apresentou seu parecer pela condenação dos réus, não havia mais dúvidas no Palácio do Planalto de que Bolsonaro e os demais integrantes do chamado “núcleo crucial” seriam condenados.

Com a certeza da condenação, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) começou a avaliar com seu assessor internacional, o ex-ministro Celso Amorim; o ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira; o chefe da Casa Civil, Rui Costa; e o ministro da Comunicação, Sidônio Palmeira, se haveria reação do governo dos EUA, e qual a estratégia a ser adotada pelo país.

A conclusão foi de que a

reação dos EUA é inevitável. Mas é impossível prever o que o presidente norte-americano fará. No entanto, o Brasil não poderia ficar inerte.

Foi aí que veio a ideia de um artigo que funcionasse como uma carta aberta a Donald Trump. O artigo deveria ter linguagem moderada, com a mensagem de que o Brasil está aberto à negociação. Mas, ao mesmo tempo, reafirmar que o país é uma democracia e que a nossa soberania não é negociável.

Esse recado veio já no título: “A democracia e a soberania brasileiras são inegociáveis”. A ideia é usar o artigo como uma defesa do STF e blindagem contra a reação do governo dos EUA. Por isso citou:

“Não se tratou de uma caça às bruxas. O julgamento foi resultado de procedimentos conduzidos em conformidade com a Constituição Brasileira [...], após meses de investigações que revelaram planos para assassinar a mim, ao vice-presidente e a um ministro do STF.”

O texto também mostrou que as justificativas de Trump para o tarifação não se assentam, tecnicamente, sobre a realidade do comércio entre os dois países.

A ideia de publicar artigo também foi uma resposta veiculada à forma como chegou ao

Brasil, em 9 de julho, a carta de Trump com o tarifação de 50% imposto contra os produtos brasileiros. A carta de Trump foi divulgada por um “vazamento” armado na mídia trumpista norte-americana.

Lula, resolveu não “vazar”, mas divulgar o artigo como carta aberta publicada no jornal mais importante dos EUA, o “New York Times”.

O texto básico foi feito pela equipe comandada pelo ghost-writer dos discursos de Lula, o escritor mineiro José Rezende Junior. Passou por várias mãos, como sempre nesses casos, especialmente de Celso Amorim e Sidônio Palmeira.

O tom moderado de toda a “carta” apareceu já nas primeiras linhas:

“Decidi escrever este ensaio para estabelecer um diálogo aberto e franco com o presidente dos Estados Unidos. [...] A recuperação dos empregos americanos e a reindustrialização são motivações legítimas.”

E foi até o final: “É assim que vejo a relação entre o Brasil e os Estados Unidos: duas grandes nações capazes de se respeitarem mutuamente e cooperarem para o bem de brasileiros e americanos.”

O Planalto considera um sucesso a repercussão. Agora é esperar a reação de Trump.